

MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA ENTRECruzADAS NA RECONSTRUÇÃO DO ADVENTO DA REPÚBLICA

*MEMORY, HISTORY AND LITERATURE INTERSECTING THE RECONSTRUCTION OF THE ADVENT OF THE
REPUBLIC.*

*Luciana Tavares Borges**

Resumo:

Este artigo propõe a discutir a reconstrução do advento da república, segundo o romance *Esau e Jacó* do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Dessa forma, procura-se problematizar as razões que levaram o escritor a trazer a lume a memória da mudança de regime político ocorrida no Brasil no final dos oitocentos nesta obra publicada em 1904.

Palavras-chave: Memória, Literatura, República.

Abstract:

This article aims to discuss the reconstruction of the advent of the republic, the second novel *Esau and Jacob* by Brazilian writer Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Thus, we seek to question the reasons that led the writer to bring to light the memory of the political regime change in Brazil in the late nineteenth-century this work published in 1904.

Key-words: Memory, literature, republic.

* Mestranda em História pela UFU. borges.historia@yahoo.com.br

A ninguém é dado abarcar em um único instante a plenitude de seu [passado]. Nem a Shakespeare, que eu saiba, nem a mim, que fui seu parcial herdeiro, ofereceram esse dom. A memória do homem não é uma soma; é uma desordem de possibilidades indefinidas. Santo Agostinho, se não me engano, fala dos palácios e cavernas da memória. A segunda metáfora é a mais justa. Foi nessas cavernas que entrei. (Jorge Luís Borges)

Ao buscar uma escrita nos moldes clássicos, Hermann Soergel, depositário de uma memória Shakespereana se vê frustrado ao perceber que o seu intento não concretiza, pois esse narrador-personagem criado pelo esmerado literato argentino Jorge Luís Borges (1899-1986) não estava preparado para os conflitos internos que duas memórias lhe assentariam. Exaurido,

procura repassar esse fardo que carrega e aspira que [...] Com a leveza de um homem comum, talvez possa em breve escrever sua própria obra, autobiografia inventada de si mesmo, gênero menor possível: literatura, escritura. (ARAÚJO, 2007, p.120).

A memória esta faculdade de trazer lembranças, conhecimento, carrega consigo subterrâneos de enunciações onde se almeja registro de um lugar. Impregnada de subjetividades a mesma foi e ainda é operada como instrumento de domínio e de manipulação daqueles que a procuram institucionalizá-la ou simplesmente aniquilá-la, pois:

Ao destruir, o homem reivindica o ritual de permanência, purificação e consagração; ao destruir, atualiza uma conduta movida a partir do mais profundo de sua personalidade, em

busca de restituir um arquétipo de equilíbrio, poder ou transcendência. (BÁEZ, 2006, p.23)

Ao praticar o desaparecimento de valores de determinada sociedade, certas corporações e/ou grupos políticos procuram sedimentar o seu comando de interesses particulares em detrimento do bem coletivo. Um exemplo disso está explicitado neste pequeno excerto acima. O autor, Fernando Báez expõe a realidade do Iraque, país invadido pelos Estados Unidos da América e seus aliados desde 2003. Os mesmos argumentavam que esta guerra tinha a característica preventiva, pois defendiam que tinham a missão de proteger a humanidade de possíveis ataques do ditador Saddam Hussein.

Nesse sentido, era necessária a dissipação de todos os símbolos da antiga “tirania”. Isso explica o motivo dos soldados americanos não

procurarem proteger o patrimônio cultural do Iraque e permitirem que saqueadores atentassem delitos sobre aquele. Tal fato foi mais um entre outros na vida do autor, que buscava compreender a razão da destruição dos livros.

O extermínio daqueles se dá pela pretensão de apagar a memória de um lugar, pois os livros trazem consigo narrativas e histórias de um povo, ou seja, [...] queimar o passado é renovar o presente. (BÁEZ, 2006, p.27). Dessa forma, essa reconstrução se baseia exclusivamente na imposição de uma autoridade que busca com essa ação apagar os vestígios de uma coletividade, ou simplesmente deletar qualquer idéia que seja contrária à dominação como bem foi apregoadado no romance homônimo que deu origem ao filme *Fahrenheit* (1963) do cineasta francês François Truffaut (1932-1984).

Desde a antiguidade o homem se viu diante do dilema de lembrar e de narrar os acontecimentos através de uma prática sistemática, *a arte da memória*. Esse método era empregado com a finalidade de consultar aquilo que desejasse, pois,

[...] que ao sondar a memória em busca de uma palavra ou de um nome, alguma associação quase absurda e fortuita, algo que se “enraizou” na memória, pode nos ajudar a trazer à tona o que procuramos. (YATES, 2007, p.31).

Esse procedimento aplicado na Grécia antiga estava ligado estritamente a arte da retórica e tinha em alguns escritores uma orientação para a sua aplicabilidade. A autora Yates, nomeia três importantes teóricos, que contribuíram para

a propagação desse procedimento, Cícero *De oratore*, Quintiliano *Instituto oratória* e a obra *Ad Herenium* ou *Retórica a Herênio*, que até a Idade Média era atribuída a Cícero.

Nestes compêndios estão ilustrados não propriamente uma mnemotécnica - “técnica de memória”- mas todo um preceito de arte dessa faculdade, que justaposta à retórica será uma bússola, para orientar o orador no êxito de seu empreendimento, sobretudo na credibilidade de sua argumentação.

Esses princípios, urdidos por aqueles pensadores e que influenciaram significativamente o Ocidente, ainda ocupa entre os estudiosos um interesse pela sua genealogia. Nesse sentido, é inegável a importância da deusa *Mnemosine* nas disciplinas das ciências humanas, principalmente a sua filiação com a história e a literatura.

Este artigo¹ que por ora apresentamos não tenciona delinear um panorama sobre o uso(s) ou abuso(s) da memória no decorrer dos séculos. Isto seria um trabalho exaustivo, superficial e positivista. A pretensão deste também não se resguarda em estabelecer uma comparação entre essa ciência com as demais.

O cerne deste texto procura demonstrar a partir da ligação entre História, memória e literatura as possibilidades de reconstrução de um passado. Dessa forma, elegemos como *corpus* de observação o romance *Esau e Jacó* de Machado de Assis.² Neste, nos capítulos 60 a 64 o autor

1 Este artigo foi escrito originalmente para a avaliação final da disciplina Literatura, Memória e Identidade Cultural do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária do ILEEL/UFU. A mesma foi ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes no 2º semestre de 2010.

2 Quero ressaltar que o romance *Esau e Jacó* fazia parte do projeto de mestrado, *A desconfiança do relojoeiro e a dúvida do conselheiro: Policarpo e Aires, dois personagens*

narra o advento da República no Brasil (1889) através da ação do narrador-personagem da trama Conselheiro Aires, que se vê imbuído de dúvida em relação a aquele acontecimento. Por que Machado de Assis tratou o começo da república em sua obra quinze anos depois (1904)? O que ele pretendia ao trazer essa memória da mudança de regime político? Essas questões e outras serão debatidas a seguir e espero que o leitor possa apreciar esse singelo trabalho.

Um escritor de seu tempo e de seu país.

O mulato Joaquim Maria Machado de

machadianos intérpretes da república brasileira, este plano procurava abordar a temática da república através de duas crônicas da série *Bons dias!* ((27 de maio de 1888 e 29 de junho de 1889) e cinco capítulos do referido romance. Mantenho-me neste propósito, porém abordando apenas as crônicas da série *Bons dias!*

Assis nasceu no Morro do Livramento, Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. De origem familiar humilde, Machado se torna autodidata e aos 16 anos de idade publica sua primeira poesia *Meu Anjo* no jornal *Marmota Fluminense*. Posteriormente passou a escrever contos, crônicas, romances, peças de teatro, além de tradutor. Morreu no dia 29 de setembro de 1908, aos 69 anos, em sua residência, vítima possivelmente de um tumor na boca.

*O bruxo do Cosme Velho*³ acreditava que as letras poderiam e deveriam retratar os assuntos nacionais sem se esquecer de abordar as relações humanas na literatura, visto que,

[...] romance puramente de análise, [raríssimo] exemplar temos, ou porque a nossa

3 Acredita-se que a procedência deste apelido tenha surgido através da poesia “A um bruxo com amor” do literato mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras [incompatível] com a nossa adolescência literária. (ASSIS, 1959, p.137)

Ao caracterizar a literatura brasileira como adolescente Machado de Assis chama atenção para o fato desta ainda estar imbuída dos preceitos românticos, que normatizavam aquela na descrição da “cor local” e principalmente na valorização do índio⁴ como elemento fundador da jovem nação emancipada de Portugal.

O autor de *Dom Casmurro* pontua que o gênero romance ainda não estava desvinculado daquelas peculiaridades e que era notório, naquele a ausência de um exame mais social e psicológico

4 Cf. MAGALHÃES, Domingos J. Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil (1836). *Nitheroy*: Revista Brasileira: Ciencias, Letras e Artes, Paris: Tomo I, vol. 1, 1836.

no desenvolvimento de sua narrativa, assertiva esta endossada neste fragmento acima retirado do ensaio, *Notícia Atual da Literatura Brasileira*⁵.

O bruxo do Cosme Velho não somente defendia esta tese como incorporou a mesma nos seus nove romances⁶. O seu penúltimo livro, *Esaú e Jacó* é um exemplo. Lançado em 1904 pela editora B. L. Garnier, este romance tem na sua trama principal o núcleo da família Santos onde os irmãos gêmeos: Pedro e Paulo vivem numa perene celeuma, seja por questões ideológicas, o primeiro monarquista e o segundo republicano, ou pela disputa do amor da delicada Flora.

⁵ Este ensaio foi publicado originalmente no jornal *Novo Mundo* em 24 de março de 1873.

⁶ Para ilustrar citamos seguindo a ordem cronológica: *Ressurreição* (1872); *A Mão e a Luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

Nota-se que esta narrativa está impregnada de elementos políticos, dramas humanos, o próprio período do enredo (1870-1894) acentua a alegoria construída pelo literato. Por certo, tal conteúdo deste livro não será explorado neste artigo. O que interessa neste propósito é discutir a “rememoração” da proclamação da república no Brasil através da análise dos capítulos 60 a 64 desta obra.

A República rememorada no romance Esaú e Jacó

A memória que muitas vezes permanece oculta ou adormecida nos estampidos da história, ressurge com a perspectiva de desvendar o não tido, visa, sobretudo o local onde se quer registrar.

Na obra *Ruídos da Memória* de Marina Maluf⁷ há uma preocupação na sua narrativa em descortinar as lembranças de um passado cheio de rumores. A trama se centra na trajetória de duas personagens: Floriza e Baliza, que diante de seus conflitos pessoais se veem inseridas num enquadramento social também conturbado.

Dessa forma, ao procurarem evocar as suas memórias e procurar promover com estas um ajuste, as protagonistas da obra apregoaram que há dois tempos: um “eu” do passado desajustado e um “eu” do presente angustiado e ansioso,

7 É importante salientar que no decorrer da disciplina, *Memória, Literatura e Identidade Cultural* foram realizados seminários em que os discentes da turma, separados em duplas, apresentavam os textos referentes à bibliografia básica do curso sempre tendo como apoio para as discussões as obras instigantes do dramaturgo brasileiro Aluísio Jorge Andrade Franco (1922-1984). Para a exposição daquele livro foram incumbidos os alunos Wilson Filho e Geaneliza Pimentel.

que deseja tecer outra história daquela memória entranhada de situações mal resolvidas.

De que maneira essas invocações podem interferir e/ou solucionar um acontecimento? No romance *Esau e Jacó* de Machado de Assis há uma passagem nos capítulos 60 a 64 em que o narrador-personagem Conselheiro Aires procura compreender o que estava ocorrendo naquela manhã, pois

[...] era costume Aires sair [cedo] e [espairecer]. Nem sempre acertava. Desta vez foi ao Passeio Público. Chegou às sete horas e meia... Notou que a pouca gente havia ali [...] (ASSIS, 2003, p.132)

A sensação de estranhamento toma conta de Aires, por que naquela manhã a rotina vivenciada por ele não estava presente. Procurando saber o que estava acontecendo [...] ouviu umas palavras

soltas, Deodoro, batalhões, campo, ministério, etc. (ASSIS, 2003, p.132). Diante das incertezas dos comentários, mas ciente de que houve mesmo uma mudança na instituição política do Brasil, Aires retorna a sua casa e lê o filósofo grego Xenofonte (431-350) e constata que,

[...] a conclusão do autor, em prol da tese de que o homem é difícil de governar; mas logo depois a pessoa de Ciro destrói aquela conclusão, mostrando um só homem que regeu milhões de outros, os quais não só o temiam, mas ainda lutavam por lhe fazer as vontades. (ASSIS, 2003, p.133)

Ao fazer a alusão ao texto clássico, Aires averigua que a modificação de regime político não seria a “solução” ajustada para conduzir a nação brasileira. Não era preciso uma força civil ou militar para empreender alterações positivas

para o país, bastaria para governar somente um homem.

Observa-se a partir desses excertos, que o escritor brasileiro Machado de Assis procurava conferir em suas obras elementos históricos e políticos. A sua preocupação em trazer para 1904 a discussão da proclamação da república remonta a sua personalidade de literato inquieto perante as questões nacionais.

Na Argentina, o escritor Jorge Luís Borges (1899-1986) também utiliza as suas letras para problematizar os desajustes de seu país, pois ao imiscuir história e ficção nas suas letras, este autor situa como ponto nodal das suas produções, a temática da memória, que,

[...] para Borges, nunca significa apenas conteúdo de discussão: é também mecanismo de elaboração textual, base de constituição de

representações comprometidas em maior ou menor grau com o verossímil. (PIMENTEL, 1998, p. 22).

A memória é uma constante na produção de Borges. Ela não é apenas um estro na sua composição, mas uma estrutura capaz de conduzir a escrita às representações sociais. Dessa forma, o trabalho de Júlio Pimentel procura situar a importância desta armação nas criações político-históricas na obra do escritor argentino e concomitante desfaz equívocos na interpretação de críticos literários que o classificam em dois momentos: um nacionalista, outro cosmopolita.

À luz dessa singularidade em registrar memória coletiva na literatura fica evidenciado que ao incorporar essa prática busca-se não somente “reconstituir” um fato ou trazer a lume apenas uma lembrança individual. O que se

tenciona neste método é descortinar a identidade de um lugar onde se procura enunciar outras interpretações dessas urdiduras temporais.

Nesse sentido, ao apregoar o advento da república no romance *Esau e Jacó*, Machado de Assis não teve a pretensão de denotar a sua predileção política (monarquista ou republicano). O que o autor deixa subtendido nas entrelinhas é até que ponto a república significou um rompimento com os privilégios senhoriais? Nesta próxima passagem é demonstrado mais uma alegoria arquitetada pelo autor sobre esta questão:

Na véspera tendo de ir abaixo, Custódio foi à Rua da Assembléia onde se pintava a tabuleta. Era já tarde; o pintor suspendera o trabalho. Só algumas das letras ficaram pintadas--- a palavra Confeitaria e a letra d. A letra o e a palavra Império estavam só debuxadas a giz. Gostou da tinta e da cor,

reconciliou-se com a reforma, e apenas perdoou a despesa [...] (ASSIS, 2003, p.136)
Grifos nossos.

Nota-se nesses fragmentos que a atitude do personagem Custódio em relação à reforma da tabuleta de sua confeitaria encerra uma analogia sobre o ocaso da Casa de Bragança em 1889. O reparo da mesma não foi concluído, a pintura parou na letra *d*. Subtende-se dessa forma, que houve apenas uma reforma parcial e não uma revolução por completo na instituição política brasileira.

O “bruxo do Cosme Velho” insere neste momento uma análise à memória tida como oficial, pois ao questionar a validade daquele evento, Machado procura descortinar as *verdades* sobre a mudança de regime político e desconstrói

a tida história oficial, que para o historiador francês Jacques Le Goff advêm possivelmente da instituição da comemoração da revolução francesa no final do século XVIII. (Cf. LE GOFF, 1994, p.462).

Ao apresentar a ocupação da memória nos estudos das ciências humanas, Le Goff no seu ensaio homônimo ao título do livro *História e Memória*, procura trazer um panorama do emprego desta faculdade nas diversas sociedades. Sem se reduzir a uma linearidade da memória o historiador francês, procura alertar sobre os usos e abusos daquela nas sociedades cujos interesses de grupos dominantes sobrepujam ao coletivo. (Cf. LE GOFF, 1994, p.476).

Durante um bom tempo e principalmente no século XIX a historiografia esteve aliada a memória oficial, ressaltava os nacionalismos e

principalmente os feitos dos “heróis”. No limiar dos novecentos surgem vários movimentos que contestam essa metodologia. A escola dos Annales na França em 1929, a escola inglesa marxista em meados dos anos 1900. Em ambas se vê a crítica ao historicismo e as pesquisas sobre memória e biografia.

A quebra desses paradigmas se processa a partir da década de 1970 onde a chamada “virada linguística” impôs-se a guinada subjetiva (SARLO, 2007, p.18). Para a crítica literária argentina Beatriz Sarlo foi a partir deste advento, que o interesse por diários, cartas e outros artigos pessoais ganharam nas ciências humanas um atenção maior. O intento era problematizar “os discursos da memória”, e apregoar outra história.

Nesse sentido, essa renovação metodológica se deve basicamente a introdução

dos estudos culturais, que contribuíram para que no decênio seguinte houvesse uma valorização do testemunho. Dessa forma, Beatriz Sarlo alerta que após o término da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) havia uma necessidade de punir os culpados sobre o genocídio político, principalmente os praticados contra os judeus. A partir daí surge uma figura central que carrega na sua fala a verdade inabalável sobre o acontecimento: a testemunha.

Na Argentina pós-ditadura esta prática também se concretizou. Era necessária uma reparação, a memória surge como um “dever” (SARLO, 2005, p.20), uma restauradora de um passado que não devia ser esquecido. O que Sarlo instiga a reflexão, que estes relatos devem ser interpretados, pois a memória não é somente proustiana (involuntária), ela também é

imposta, manipulada e sendo assim esta não pode permanecer como mito, mas sim problematizada.

Nesse sentido, Machado de Assis ao abordar o tema da república no seu romance *Esau e Jacó*, procurou questionar os desdobramentos de uma instituição que prometia aos cidadãos a “coisa pública”, e que assegurava o término das desigualdades sociais, porém esta transparecia que era apenas uma reformulação. Dessa forma, ao trazer de volta à memória social a mudança de regime político, Machado buscou não somente tecer uma crítica a nova instituição política, mas procurou instigar com o leitor uma nova interpretação daquele acontecimento ainda presente no imaginário da sociedade brasileira.

Fonte

ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Referências:

ARAÚJO, Joana Muylaert. A literatura como simulacro: uma questão ainda sensível? SEIXAS, Jacy; CERASOLI, Josianne. *UFU, ano 30 - tropeçando universos (artes, humanidades, ciências)* Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 109- 127.

BAÉZ, Fernando. Introdução. *História Universal da destruição dos livros*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2006, p.17-28.

BORGES, Jorge Luís. A memória de Shakespeare. Tradução de Bella Jozef. *Obras completas*. São

Paulo: Globo, 1999, v.3, p.423-451.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1994, p. 423-484.

MALUF, Marina. A reconstrução do passado. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995, p.27-89.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998, p.37-104.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras/EDUFMG, 2007, P.9-68.

YATES, Francês. As três fontes latinas da

arte clássica da Memória. *A arte da Memória*.

Campinas: EDUNICAMP, 2007, p.17-46.

Artigo recebido em: 28/05/2011

Aceito para publicação: 30/08/2011